

A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA E IDENTIDADE NIPÔNICA: um recorte do bairro da Liberdade

**Fabiana Nayumi Yai
2023**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

FABIANA NAYUMI YAI

**A construção da narrativa e identidade nipônica: um recorte do bairro da
Liberdade**

São Paulo
2023

FABIANA NAYUMI YAI

**A construção da narrativa e identidade nipônica: um recorte do bairro da
Liberdade**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Relações Públicas, Propaganda e Turismo
da Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Relações Públicas

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto
Nassar de Oliveira

São Paulo
2023

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Yai, Fabiana Nayumi

A construção da narrativa e identidade nipônica: um recorte do bairro da Liberdade / Fabiana Nayumi Yai; orientador, Paulo Nassar. - São Paulo, 2023.
61 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Novas Narrativas. 2. Imigração Japonesa. 3. Bairro da Liberdade. 4. Identidade. 5. Memória. I. Nassar, Paulo. II. Título.

659.2

CDD 21.ed. -

AGRADECIMENTOS

Pais, obrigada por todo suporte que vocês me proporcionaram durante toda a minha vida, todo o esforço que vocês tiveram para que eu conseguisse sempre continuar estudando. Talvez eu nunca tenha me agradecido direito, pois nunca fui boa em expressar meus sentimentos, então aproveito para deixar meus sinceros agradecimentos aqui. Amo vocês!

Ao restante dos meus familiares, em especial, ao meu avô, que eu carinhosamente chamava de “Di”, por ter me ensinado tanto sobre a vida, sobre a cultura japonesa e por ter cuidado de mim. Tenho certeza que se o senhor estivesse presente hoje, estaria orgulhoso de onde eu já cheguei. Sinto falta de ir para o bairro da Liberdade e perguntar se o senhor iria querer que eu trouxesse um pouco de *motigome* para fazer *moti* no final do ano.

À Comissão de Jovens do Bunkyo, que tanto me acolheram quando resolvi me reconectar às minhas raízes nipônicas. Estou muito grata em fazer parte como membro voluntário de uma comunidade tão incrível.

À Universidade de São Paulo e à Escola de Comunicações e Artes por contribuírem para a minha formação acadêmica e individual e por terem me apresentado colegas incríveis.

Aos professores que tive durante toda a minha trajetória, em especial ao meu professor do Ensino Médio no Japão, Gerson, que sempre acreditou no meu potencial e que me mostrou que é possível seguir os nossos objetivos e alcançar os nossos sonhos.

Ao professor Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira, que aceitou meu tema e foi um ótimo orientador e amigo. Me sinto honrada de ter contado com a sua participação na minha trajetória.

Aos meus amigos que gosto tanto, principalmente ao Vinicius, Matthew e Helô, que vivem me dizendo que a Liberdade é a minha segunda casa.

E por fim, mas não menos importante, meus agradecimentos para a pessoa que apareceu na minha vida para dar um novo significado para ela. Lucas Pereira, obrigada por sempre me apoiar e me incentivar, obrigada por acreditar em mim e em nós. A vida é muito melhor do seu lado. Amo você.

「土地の氏神(うじがみ)さまのことをな、古い言葉で産霊(むすび)って呼ぶんやさ。この言葉には、いくつもの深いふかーい意味がある」

「糸を繋げることもムスビ、人を繋げることもムスビ、時間が流れることもムスビ、ぜんぶ同じ言葉を使う。それは神様の呼び名であり、神様の力や。ワシらの作る組紐(くみひも)も、神様の技、時間の流れそのものをあらわしとる。」
「よりあつまって形を作り、捻れて絡まって、時には戻って、途切れ、またつながり。それが組紐。それが時間。それがムスビ。」

(新海 誠, 君の名は, 2016)

“A divindade guardiã deste local é chamada de **musubi**, uma palavra antiga. Esta palavra tem muitos significados profundos. Conectar os fios é musubi. Conectar pessoas é musubi. A passagem do tempo é musubi. Para tudo isso a mesma palavra é usada. É o nome de deus e também o poder de deus. Também é o *kumihimo* que fazemos, a habilidade do deus e representa o próprio fluxo do tempo.

Reúnem-se para tomar forma, torcem e se emaranham, às vezes voltam, se rompem e se conectam novamente. Isso é *kumihimo*. Isso é o tempo. Isso é musubi.”

(Makoto Shinkai, Kimi no na wa, 2016)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a construção da identidade e da narrativa nipônica no famoso bairro da Liberdade em São Paulo, a fim de entender o porquê desta dominância, visto que o local também possui uma forte presença de outros imigrantes orientais, como os chineses e coreanos, além de ter um passado “apagado” diretamente ligado a população negra. Analisa-se essa preponderância por meio dos conceitos de memória, identidade, lugar de memória e narrativas. Verifica-se que, além da forte fixação dos imigrantes japoneses nesse território, foram vários os elementos e políticas públicas que colaboraram para a edificação da narrativa do bairro ser um “pedaço do Japão no Brasil”. Ademais, busca-se demonstrar algumas mudanças motivadas por uma nova sociedade que cada vez mais procura um ambiente humanizado, onde as múltiplas identidades conseguem ser representadas e onde o passado e o presente conseguem coexistir.

Palavras-chave: Novas narrativas; Imigração japonesa; Bairro da Liberdade; Identidade; Memória.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the construction of Japanese identity and narrative in the famous Liberdade neighborhood in São Paulo, in order to understand why this dominance exists, considering that the area also has a strong presence of other asian immigrants, such as the chinese and koreans, and has a "forgotten" history directly linked to the black population. This predominance is examined through the concepts of memory, identity, lieu de mémoire, and narratives. It is observed that, in addition to the strong presence of Japanese immigrants in this territory, several elements and public policies have contributed to the establishment of the narrative that the neighborhood is a "piece of Japan in Brazil." Furthermore, the aim is to demonstrate some changes driven by a new society that increasingly seeks a humanized environment where multiple identities can be represented, and where the past and present can coexist.

Keywords: New narratives; Japanese immigration; Liberdade neighborhood; Identity; Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Pintura rupestre da Caverna de Maltravieso, Espanha.....	15
Figura 2 - Letreiro da cidade de Atibaia - Capital do morango.....	17
Figura 3 - あふりか丸 - Navio Africa Maru.....	20
Figura 4 - Recorte do mapa de São Paulo em 1895, que já demonstra o nome de ruas presentes na configuração atual.....	24
Figura 5 - Atual perímetro do distrito da Sé e da Liberdade.....	25
Figura 6 - Entrada do Cine Niterói.....	27
Figura 7 - Sede do Bunkyo.....	30
Figura 8 - Montagem com algumas atividades realizadas no segundo semestre de 2023.....	32
Figura 9 - Dança Tottori Shan Shan Kassa Odori no Gueinosai 2019.....	33
Figura 10 - Workshop de vestimenta tradicional japonesa da 17ª edição do Bunka Matsuri.....	34
Figura 11 - Visita da princesa Mako no Bunkyo.....	34
Figura 12 - Registro da minha família no totem do sistema de busca de emigrantes.....	36
Figura 13 - Lanternas suzuranto na Liberdade.....	37
Figura 14 - Torii no Viaduto Cidade de Osaka.....	38
Figura 15 - Mitsudomoe na calçada da rua Galvão Bueno.....	38
Figura 16 - Jardim Oriental em 2023.....	39
Figura 17 - Largo da Pólvora em 2023.....	39
Figura 18 - Montagem das fachadas dos estabelecimentos McDonald's e OakBerry no bairro da Liberdade.....	40
Figura 19 - Montagem das fachadas dos bancos Itaú e Bradesco no bairro da Liberdade.....	41
Figura 20 - Multidão na Feirinha da Liberdade.....	42
Figura 21 - Montagem da fachada e do menu da Hinôde.....	43
Figura 22 - Tirinha que ilustra alguns dos estabelecimentos do Johnny Guo.....	44

Figura 23 - Tanabata Matsuri de 2018.....	45
Figura 24 - Programação do 52º Toyo Matsuri (2022) publicada no Instagram da ACAL.....	46
Figura 25 - Placa do metrô Japão-Liberdade.....	48
Figura 26 - Placa da Praça da Liberdade.....	49
Figura 27 - Estabelecimentos chineses na Praça Carlos Gomes.....	50
Figura 28 - Estátua da sambista escondida na lateral de palco de evento no Centro.....	51

QUADROS

Quadro 1: Brasileiros e Estrangeiros em Sta. Ifigênia, Sé, Liberdade e Bom Retiro - 1934.....	22
Quadro 2 - Estrutura do Edifício Bunkyo.....	29
Quadro 3 - Quadro de Perguntas e de Problemas de Pesquisas de Nassar, Farias e Pomarico.....	31
Quadro 4 - Respostas para a estrutura ritual cultural do Bunkyo.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MEMÓRIA, IDENTIDADE E NARRATIVA NA TRANSFORMAÇÃO DE UM TERRITÓRIO.....	11
2.1 MEMÓRIA.....	11
2.2 IDENTIDADE.....	13
2.3 NARRATIVAS.....	14
2.4 NARRATIVAS DE LUGARES.....	16
3 PERCORRENDO O CAMINHO: A IMIGRAÇÃO JAPONESA.....	18
3.1 IMIGRAÇÃO JAPONESA NO MUNDO.....	18
3.2 IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL.....	19
3.3 IMIGRAÇÃO JAPONESA EM SÃO PAULO.....	21
3.3.1 <i>Imigração Japonesa no Bairro da Liberdade</i>	22
4 CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NIPÔNICA NO BAIRRO DA LIBERDADE.....	23
4.1 ORIGEM DO BAIRRO DA LIBERDADE.....	23
4.2 LOCALIZAÇÃO ATUAL.....	25
4.3 TRANSFORMAÇÕES ORIENTAIS NO BAIRRO DA LIBERDADE.....	26
4.3.1 Cine Niterói.....	26
4.3.2 Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social - Bunkyo	27
4.3.2.1 <i>Atividades culturais, educacionais e esportivas</i>	32
4.3.2.2 <i>Eventos</i>	32
4.3.2.3 <i>Cerimônias</i>	34
4.3.2.4 <i>Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil</i>	35
4.3.3 Plano De Orientalização da Liberdade - Randolfo Marques de Lobato.....	36
4.3.4 Feirinha da Liberdade, mercearias e restaurantes.....	41
4.3.5 Eventos (Ano Novo Chinês, Tanabata Matsuri, Moti Tsuki, Toyo Matsuri).....	44
4.3.6 Revitalização de 100 anos da imigração (2008).....	46
4.3.7 Revitalização de 110 anos da imigração - Estação Japão-Liberdade e	

Praça da Liberdade-Japão (2018).....	47
5 A CONVIVÊNCIA DE NOVAS NARRATIVAS NO BAIRRO DA LIBERDADE.....	49
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

No dia 18 de junho de 1908, o navio Kasato Maru atracou no Porto de Santos trazendo aqueles que chegavam em busca de uma nova vida em um país com um clima, costumes, cultura e tradições completamente diferentes. Mesmo com as diversas dificuldades, restrições e barreiras enfrentadas desde então, o Brasil abriga a maior população japonesa fora do Japão e, neste ano de 2023, o marco continua sendo celebrado, completando seus 115 anos.

A influência deste povo no território brasileiro é tão grande que existe na cidade de São Paulo um bairro tradicionalmente conhecido por ser um pedaço do Japão no Brasil. Este lugar é o bairro da Liberdade, localizado na região central da cidade e que conta com diversos elementos que aproximam os indivíduos da cultura do país do sol nascente.

Diante desta construção, o objetivo central deste trabalho é discutir e evocar reflexões a respeito da alteração de um território e o peso e importância de alguns elementos como história, memória e narrativa. Visa também trazer um olhar mais atento à conexão entre o passado, o presente e o futuro, a fim de ressaltar a necessidade de estarmos atentos às mudanças, aos fluxos e ao cenário que nos inserimos.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta monografia se apoia na bibliografia de Maurice Halbwachs (1990), Joel Candau (2021), Paulo Nassar (2012) para tratar das questões de memória, narrativas e identidades. Também foi de suma importância os trabalhos realizados pela Emiliana Pomarico, Luiz Alberto de Farias e Rodrigo Cogo, que, caminhando na mesma direção que Paulo Nassar, aproximam as áreas de comunicação e antropologia, trazendo questões como as Novas Narrativas, os rituais e os mitos. Ademais, para o aprofundamento dos assuntos nipo-brasileiros, as obras de Célia Sakurai (2000) e Tomoo Handa (1997) foram fundamentais.

No primeiro capítulo, *Memória, identidade e narrativa na transformação de um território*, serão apresentados os conceitos teóricos de áreas como antropologia, psicologia e comunicação dos principais elementos que atuam diretamente na formação da narrativa de um território.

A segunda parte, *Percorrendo o caminho: a imigração japonesa*, é uma parte mais dedicada a contextualização da imigração japonesa, desde seu início após a

retomada do poder pelo governo imperial japonês, para locais como Havaí, Coreia, Taiwan, México e Peru até a chegada ao Brasil, seu caminho para a cidade de São Paulo e forte instalação aos arredores do bairro da Liberdade.

É na seção *Construção da narrativa nipônica no bairro da Liberdade*, que o trabalho vai se aprofundar e analisar alguns elementos e políticas públicas que foram e são essenciais para a construção e manutenção da dominância da narrativa nipônica no bairro.

Por fim, em *A convivência de novas narrativas no bairro da Liberdade* se busca falar brevemente sobre as alterações que o local enfrenta na atualidade e como isso decorre de demandas de uma sociedade que tenta cada vez mais respeitar, ouvir e dar espaço para narrativas mais humanizadas, que levam em consideração a multiplicidade e individualidade de cada grupo social ali presente.

2 MEMÓRIA, IDENTIDADE E NARRATIVA NA TRANSFORMAÇÃO DE UM TERRITÓRIO

2.1 MEMÓRIA

A memória é, por muitas vezes, definida como um processo cognitivo pelo qual os indivíduos adquirem, armazenam, retêm, registram informações e experiências ao longo de sua trajetória, estando suscetível a esquecimentos e oclusões. Faz parte de processos biológicos, fisiológicos e socioculturais, e, segundo Nassar (2016, p. 93): “sem a operação desses sistemas que integram – nem sempre harmonicamente – a natureza e a cultura, o humano não conseguiria identificar, conservar e utilizar informações, não poderia produzir ou comunicar narrativas”.

Maurice Halbwachs, sociólogo francês e pioneiro nos estudos sobre a memória no campo das ciências sociais, apresenta em sua tese central de que toda memória, por mais individual que ela aparenta ser, é fruto de uma construção coletiva, formada pelo contexto social que o indivíduo se encontra. Isso porque a vida em sociedade é resultado das interações sociais, onde as lembranças, pensamentos e interpretações também fazem parte deste cálculo.

Segundo Halbwachs (1990), a memória é um processo de reconhecimento e reconstrução que depende de uma comunidade afetiva para existir. É reconhecimento quando carrega consigo o sentimento de algo já vivido e é

reconstrução pois não reproduz um acontecimento linear, fiel ao que de fato ocorreu, mas sim a algo que se destacou e se diferenciou das vivências cotidianas.

As memórias, por serem frutos das relações com o outro, não retomam pensamentos isolados e sim da comunidade afetiva na qual o indivíduo se inseriu. Ela atualiza os quadros sociais, pois articula o passado dos membros do grupo, evocando um sentimento de pertencimento, construindo uma consciência de identidade através do tempo. (HALBWACHS, 1990, p. 87). Dessa forma, a memória se torna elemento chave na formação das diferentes identidades.

Ainda relacionando o início da percepção da ligação entre memória e identidade nos estudos de Halbwachs, o autor chega a afirmar que, em determinadas situações, que estamos tão afinados com aqueles que nos cercam, a força das influências sociais na constituição das lembranças acaba passando despercebida, dando a impressão de que as ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, não tivessem sua origem em parte alguma senão no próprio indivíduo.

Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem a nossa maneira de ver que nos espantaríamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós. (HALBWACHS, 1990, p. 47)

Em busca de aprofundar a ideia de memória coletiva apresentada por Halbwachs e analisar como passamos de formas individuais para formas coletivas da memória e identidade, Joel Candau (2021), em sua obra *Memória e Identidade*, insere o debate no campo da antropologia, dividindo a memória em três categorias: protomemória, de alto nível e a metamemória.

Em suma, a protomemória seria a memória de hábito, de repetição, proveniente de aprendizados primários e de experiências individuais, já a de alto nível incorpora experiências como os saberes, crenças, sensações e sentimentos. Por fim, a metamemória seria aquela que cada indivíduo faz de sua própria memória, moldando as dimensões de pertencimento ao passado. (CANDAU, 2021, P.22-23). Para Candau, as duas primeiras se relacionam com a ação de memorização, seriam faculdades individuais, enquanto a terceira trabalharia no campo da coletividade, do compartilhamento e da representação e, por conta dessas características, é esta a memória que está relacionada à construção identitária.

Vale destacar que a memória de grupos e coletividades é elaborada num processo permanente de construção e adaptação, e é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. (NASSAR, 2021). Essa percepção é fundamental para a ideia de que a memória não está relacionada somente ao tempo passado, mas também ao tempo presente, pois acontece no agora e sofre interferências de acontecimentos mais recentes e do quadro social ao qual o indivíduo se insere.

2.2 IDENTIDADE

O conceito de memória é explorado nos mais diversos campos dos saberes como psicologia, sociologia, filosofia e antropologia e pode ser entendida como fator primordial para a formação das identidades. Para Ferreira (apud NASSAR; COGO, 2004, p.102), a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto coletivo quanto individual, como fruto de um trabalho de construção constantemente negociado e representação de um fenômeno social. O sociólogo Michael Pollak trás essa relação entre memória e identidade em sua obra *Memória e Identidade Social*:

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

Não é possível buscar compreender identidade sem a memória, e, inversamente, a memória é sempre acompanhada de um sentimento de identidade (CANDAU, 2021. p.19). Ao mesmo tempo que nos modela é também por nós modelada (CANDAU, 2021. p.16). Pode-se entender que esses dois elementos se apoiam um no outro para produzir trajetórias de vida, histórias, mitos e narrativas.

Os conceitos de identidade continuam sendo debatidos entre os estudiosos de diversas áreas como filosofia, sociologia, psicologia e ciências sociais até os dias de hoje. Porém, há um consenso de que ela se refere a uma parte mais individual do sujeito social, totalmente dependente da construção realizada no convívio com o outro. Até mesmo a identidade individual, relacionada a maneira como uma pessoa se enxerga, é uma construção coletiva pois necessita do outro para que essa diferenciação se torne perceptível. A construção da identidade ocorre de forma

gradativa no contexto relacional e é considerada como um processo contínuo (SÉRGIO; LOURENÇO, 2015, p. 3)

O conceito de identidade social entra em uma parte mais psicológica e é o que traz o sentimento de identificação com um determinado grupo social. Os indivíduos precisam de uma base para se constituir e tais aspectos partem da identidade do(s) outro(s) na relação de quem eu sou a partir de quem é o outro e de como quero ser diante deste e dos demais (SÉRGIO; LOURENÇO, 2015, p. 3).

2.3 NARRATIVAS

Transmitir histórias, experiências e tradições são comportamentos humanos diretamente relacionados à preservação de uma identidade cultural, que reforçam a sensação de pertencimento a uma comunidade. E, segundo muitos antropólogos, a habilidade de narrar histórias distinguiu os seres humanos de outros primatas ao longo do processo evolutivo. Paulo Nassar e Rodrigo Cogo trazem no artigo *Narrativas em Comunicação Organizacional e as interações com a memória*, um preciso conceito do sociólogo Roland Barthes:

“a narrativa está presente em todos os lugares, em todas as sociedades; não há, em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas por homens de cultura diferente [...] a narrativa está aí, com a vida”. (BARTHES apud NASSAR; COGO, 2012 p. 104)

É comum a associação, muito pelo conceito apresentado nas matérias de língua portuguesa nas escolas, de que as narrativas são relatos de acontecimentos transmitido pela oralidade ou registrado nos papéis dos livros e revistas. Todavia, Nassar (2021) apresenta em uma de suas aulas uma das primeiras formas de registro da história: as pinturas rupestres.

Figura 1 - Pintura rupestre da Caverna de Maltravieso, Espanha



Fonte: Turismo Extremadura/Reprodução. Disponível em:
<www.megacurioso.com.br/ciencia/123829-as-6-pinturas-rupestres-mais-antigas-do-mundo.htm>.
Acesso em: 09 ago. 2023

Ao encontro com o que foi apresentado por Nassar, Carlo Ginzburg, historiador italiano, lançou a hipótese de que as primeiras narrativas foram percebidas e começaram de fato com os *homo sapiens*, muito antes das aparições das primeiras narrativas míticas e religiosas. Quando o homem foi capaz de reparar em vestígios, como as pegadas no chão, e entender que algo passou por lá, imaginando uma coisa que não estava ali diante de seus olhos e depois transmitiu esse conhecimento a seus próximos (Prelorentzou, 2017).

É por meio da narração, da contação de histórias que se aproxima e se identifica com o corpo social. Por meio desse processo é possível gerar um sentimento de pertencimento, passando do individual para o coletivo. Ao contar uma história, passa-se a conhecer melhor a própria cultura, dando referências importantes para o autodesenvolvimento, incentivando a imaginação e a leitura (COGO, 2016, p.100).

Em semiótica, campo de estudo dos signos, que consistem em todos os elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano, abrangendo as linguagens verbais e não-verbais, a narrativa pode ser entendida como uma combinação de signos e símbolos¹ produtores de sentido. Sobre isso,

¹ Segundo a definição de Ferdinand de Saussure, um dos mais relevantes linguistas, o signo é constituído por esses dois aspectos. O significante (*signifiant*) é o objeto, físico ou imaginado,

Benjamin (apud NASSAR; COGO, 2004, p.104) adverte que a narração é, de modo algum, produto exclusivo da voz, pois possui a intervenção decisiva de gestos que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é transmitido.

2.4 NARRATIVAS DE LUGARES

A transmissão da narrativa se expande além dos meios orais e escritos, ocorre por meio de outros suportes, mais subjetivos, onde a simbolismo dos elementos, das transformações e dos acontecimentos resulta na construção de um significado. Essa situação pode ser exemplificada quando adotamos a ideia de existência de “regiões-memórias” ou “cidades-memória”, e até mesmo de bairros onde se afirmam com as forças as identidades regionais ou locais. (CANDAU, 2021. P. 157)

Os lugares² são os locais onde os fenômenos de ritualização acontecem. Os rituais podem ser definidos como um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica (TAMBIAH apud NASSAR; FARIAS; RIBEIRO, 2019, p. 220). Ademais, transmitem histórias, fortalecem tradições do passado, dão suporte para o entendimento das necessidades do presente e desvendam desafios futuros, podendo assim atuar como narrativas.

Os rituais são narrativas construídas por meio de elementos simbólicos (corporais, orais ou não orais) que são marcados pela repetição e pela intenção retórica. Em um primeiro enquadramento conceitual pode-se falar em narrativas da experiência. Estão presentes em todas as culturas, como processos de identificação e afirmação dessas culturas e de seus integrantes. Em um segundo enquadramento conceitual pode-se falar em memórias rituais. Essas narrativas rituais e da experiência – marcadas na memória humana – podem se caracterizar como sagradas ou profanas (NASSAR; FARIAS apud NASSAR; FARIAS; RIBEIRO, 2019, p. 219)

As narrativas ritualísticas ao organizarem as relações, agregando sentimentos e estreitando vínculos, atuam sobre a memória social e histórica de uma comunidade, alterando a composição social e psicológica dos indivíduos de um

formado por sons, imagens ou escrita que transmite algum sentido. É a “imagem acústica”. O significado (*signifié*) é a ideia transmitida pelo signo, ou seja, o conceito.

² No campo da geografia, lugar é definido como parte do espaço geográfico apropriada pela vida, onde se desenvolvem as atividades cotidianas e as relações estabelecidas pelos homens. Representa a dimensão afetiva do espaço, uma vez que está relacionada com as experiências, a identificação pessoal com aquela localidade e as memórias de cada um.

lugar, sendo responsável pela construção das identidades territoriais, transformando o espaço em um território humanizado.

No Brasil, é comum a adoção de “apelidos” para cidades e bairros que giram em torno de alguma forte característica da região como a abundância de algum recurso mineral, condição geográfica, gastronomia ou agricultura. No estado de São Paulo, por exemplo, a cidade de Boituva é conhecida como a terra do Balonismo; Atibaia como terra do morango; Bragança-Paulista como terra da linguíça e Araçatuba como cidade do boi gordo.

Figura 2 - Letreiro da cidade de Atibaia - Capital do morango



Fonte: Prefeitura de Atibaia/Divulgação. Disponível em: www.g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/11/18/produtora-de-morangos-atibaia-ganha-letreiro-turistico-com-simbolo-da-cidade.ghtml>. Acesso em: 09 ago. 2023

Todas essas narrativas carregam elementos do passado que marcaram a região. As cidades geram possibilidades de diálogos e de encontros entre o espaço e o tempo (que dependem da corporalidade e da memória social, de cada um dos seus componentes, com seus códigos, tradições e existências compartilhadas), fatores que atuam na configuração das identidades. (SILVEIRA; MORAES, 2009 p.8)

Ao visitá-las, é possível notar um esforço da população, das organizações e de políticas públicas na continuação da perpetuação da imagem conquistada, pois, além de servir como elemento que reforça o sentimento de pertencimento, funciona como atrativo turístico e gera lucro por meio das memórias e da identidade.

Esses locais também podem ser entendidos como “lugares de memória”, conceito formulado por Pierre Nora, que diz respeito a lugares materiais, funcionais e simbólicos. Materiais pois a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos diversos sentidos; funcionais porque têm ou adquiriram função de firmar memórias coletivas e simbólicos pois é onde a memória coletiva identitária se expressa e revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. (NEVES, 2007).

Ao olhar para a cidade de São Paulo, é possível encontrar vários bairros que podem ser entendidos como “lugares de memória”. Um fator que condiciona essa característica está relacionado aos imigrantes que se instalaram na região, influenciando na constante transformação da identidade de certas áreas do território. Exemplos desses bairros não faltam: Bixiga e seus imigrantes italianos; Bom Retiro, antigo reduto judeu e novo reduto sul-coreano; Brás com sua comunidade árabe e Liberdade, objeto de estudo deste trabalho, com os imigrantes japoneses e com outros povos orientais como os chineses e coreanos.

3 PERCORRENDO O CAMINHO: A IMIGRAÇÃO JAPONESA

3.1 IMIGRAÇÃO JAPONESA NO MUNDO

A política exercida pelo último xogunato³ no Japão estabeleceu uma política de isolamento do país chamada de Sakoku (鎖国 - “país fechado”). Durante esse período nenhum japonês poderia deixar o país sob pena de morte e poucos estrangeiros foram autorizados a entrar e negociar com o Japão. A principal motivação da adoção desse regime aponta para a intenção de controlar e monopolizar o comércio e proibir o cristianismo que crescia dentro da terra do Sol Nascente.

Em 1868, o governo imperial recuperou a sua autoridade, marcando o fim das ditaduras feudais e deu início à Restauração Meiji, período conhecido pela inserção do país no mundo moderno e, segundo relatado por Cecília Sakurai (2000), foi um

³ Sakoku (鎖国) é uma política de contato externo controlado e muito limitado, seja para fins comerciais ou outros, imposta pelo Edo Bakufu. Consistia no monopólio do comércio externo pelo Bakufu, na proibição do cristianismo e na proibição de viagens japonesas de/para o exterior. (...) Desde então, tem sido amplamente utilizado para ilustrar a política externa do período Edo, frequentemente com uma conotação negativa, mas alguns historiadores propõem não usar mais esse termo. Disponível em: <www.grips.ac.jp/teacher/oono/hp/docu03/sakoku.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

movimento entendido como uma expressão japonesa da revolução burguesa por autores como Barrington Moore (1967). Nesse momento, uma mudança positiva era esperada pela população, porém, a grande maioria formada por aqueles que eram excluídos da possibilidade de ascensão social da antiga administração continuou a sofrer com a nova economia monetária e com a legislação de taxaço de terras inspirada nos modelos ocidentais, desencadeando um êxodo dos trabalhadores rurais para outras áreas do país.

Para acelerar a proposta de modernização e aliviar as tensões sociais de uma terra com escassas áreas produtivas e trabalhadores rurais endividados, os governantes japoneses colocaram em prática a política emigratória, criando companhias especializadas para acompanhar a seleção, transporte e acomodação dos cidadãos que saíam do país, tendo o Havaí e territórios recém-conquistados da Coreia e de Taiwan como primeiro destino, alcançando, posteriormente, outros países como México, Peru e o Brasil.

3.2 IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

No Brasil tudo começou com o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Japão-Brasil, firmado em 5 de novembro de 1895 e com a chegada, no dia 18 de junho de 1908, dos primeiros japoneses imigrantes que desembarcaram no Porto de Santos do navio Kasato Maru em direção a uma nova vida nas fazendas do interior paulista. Por conta deste último acontecimento, o dia 18 de junho é considerado o dia nacional da imigração japonesa.

Mesmo as razões econômicas sendo a principal causa da vinda dos japoneses para o Brasil, vale ressaltar que o orgulho de serem súditos do País do Sol Nascente não foi deixado de lado. Esse sentimento era reforçado nas despedidas acompanhadas por autoridades que discursaram sobre a importância de sair de sua terra natal comportando-se à altura de representantes de um país civilizado e vitorioso nas guerras sino-japonesa e russo-japonesa. Essa postura refletiu no abandono dos trajes tradicionais (quimonos) pois o uso de roupas ocidentais fariam com que os estrangeiros tivessem a impressão de estar lidando com pessoas civilizadas (Masato Ninomiya, 1996).

Figura 3 - あふりか丸 - Navio Africa Maru



Fonte: Museu de Migração Japonesa ao Exterior/Reprodução. Disponível em: www.japanjournal.jp/diplomacy/international-cooperation/pt20180601352.html. Acesso em: 10 ago. 2023

No início, os intelectuais e governantes da época apresentavam avaliações ambíguas e conflituosas sobre a chegada dos imigrantes no país. Muitos enxergavam a questão de maneira negativa, pois consideravam que os japoneses pertenciam a uma sociedade primitiva e racialmente inferior. Mas, também havia aqueles que defendiam, argumentando que o Japão era uma nação oriental que assimilou bem os modernos padrões europeus e que esse fator poderia resultar em pontos positivos para o Brasil (ODA, 2011, p. 112).

A visão mais positiva foi enfraquecendo, principalmente durante a segunda guerra mundial, com o Japão sendo declarado país inimigo. As relações diplomáticas entre os dois países foi cortada e a ideia do perigo amarelo⁴ aumentou, sendo enfatizadas na Constituinte de 1933, na qual os japoneses deveriam ser evitados por serem representantes de uma nação imperialista e agentes

⁴ É uma metáfora racista que descreve os asiáticos orientais como um perigo e uma ameaça para o sistema ocidental. No Brasil, o discurso antinipônico foi institucionalizado por lei na Constituição de 1934, onde foram adotadas medidas restritivas a respeito da chegada dos imigrantes no país.

ameaçadores da degenerescência racial, sendo um duplo perigo (TAKEUCHI, apud ODA, 2010. p. 112).

Entretanto, após o término da segunda guerra mundial e do fim do Estado Novo, a imigração japonesa voltou a crescer e, mesmo com a difícil discriminação, a visão positiva dos japoneses recuperou a sua força, atrelada a uma suposta imagem de povo trabalhador e estudioso.

3.3 IMIGRAÇÃO JAPONESA EM SÃO PAULO

Aqueles que buscavam alternativas de sobrevivência nas cidades ao invés do trabalho nas lavouras, motivados pela desilusão com a idéia do rápido enriquecimento, pelas reais condições de trabalho ou pelas dificuldades culturais, eram considerados verdadeiros hereges pelos agricultores em geral (HANDA, 1987, p.151).

Para muitos, a estadia no Brasil era para ser algo relativamente breve. A ideia vendida pelo governo japonês para motivar a imigração era de que seus cidadãos conseguiriam voltar para o seu país de origem em poucos anos, após acumular riquezas. Aos poucos, com ajuda das próprias políticas de imigração japonesa e do apoio do Consulado do Japão, a maneira de encarar o Brasil se alterou.

O sonho do retorno passa para um segundo plano, quando se vislumbra que as possibilidades de ascensão social no Brasil são superiores às oferecidas no Japão, onde as condições para ser proprietário de terra são cada vez mais restritas. (SAKURAI, 1998, p. 14)

Na cidade, os grupos de imigrantes de todas as nacionalidades se concentraram nos bairros centrais que apresentavam mais oportunidades de emprego, como os arredores da Santa Ifigênia, Sé, Liberdade e Bom Retiro. Antes da maior presença japonesa, a região já contava com imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, que intensificaram o comércio, iniciando pequenas fábricas e a prestação de serviços. (FANTIN, 2015, p.74)

Quadro 1: Brasileiros e Estrangeiros em Sta. Ifigênia, Sé, Liberdade e Bom Retiro - 1934.

Nacionalidades	Distritos			
	<i>Sta. Ifigênia</i>	<i>Sé</i>	<i>Liberdade</i>	<i>Bom Retiro</i>
<i>Italianos</i>	8,26%	7,24%	8,87%	11,49%
<i>Portugueses</i>	6,42%	5,42%	4,62%	2,54%
<i>Espanhóis</i>	1,51%	1,30%	1,33%	1,44%
<i>Japoneses</i>	0,13%	1,61%	2,10%	0,07%
<i>Alemães</i>	2,43%	1,67%	1,18%	0,38%
<i>Austríacos</i>	0,70%	0,33%	0,31%	0,28%
<i>Húngaros</i>	0,78%	0,34%	0,18%	0,19%
<i>Russos</i>	0,76%	0,29%	0,23%	2,30%
<i>Sírios</i>	2,68%	11,57%	0,98%	0,21%
<i>Outros grupos estrangeiros</i>	6,66%	7,69%	2,28%	16,58%
<i>Não declarados</i>	0,09%	0,05%	0,18%	0,09%
Total de Estrangeiros	30,33%	37,47%	22,07%	35,48%
Total de brasileiros	69,58%	62,48%	77,75%	64,43%

Fonte: 'Subdivisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais' – Recenseamento de 1934 citado no trabalho de FANTIN, 2015, p.74.

A partir dos anos 1920, os pequenos negócios como pensões e restaurantes iniciados pelos imigrantes da primeira década do século XX ganharam a companhia de outros empreendimentos como igrejas, escolas, associações e até mesmo espaços voltados para o entretenimento como clubes esportivos e cinemas.

3.3.1 Imigração Japonesa no Bairro da Liberdade

Foi ao redor da íngreme rua Conde de Sarzedas, localizada próxima do atual bairro da Liberdade em São Paulo, que os imigrantes japoneses se instalaram com mais força. O movimento começou antes mesmo da chegada dos japoneses no Kasato-Maru, com o estabelecimento da Comercial Fujisaki no local, responsável por trazer o sabor da terra do sol nascente para o país tropical:

A ladeira da rua Conde, onde se fixaram os japoneses, gradativamente foi sendo dominada por um cheiro característico do Japão. Para os brasileiros devia ter sido um cheiro esquisito ou, pelo menos, estranho, mas, para os japoneses que vinham do interior, tratava-se do cheiro saudoso do missô, capaz de curar a nostalgia da pátria. (HANDA, 1987. p. 160)

Além da localização próxima ao centro da cidade e dos locais de trabalho, a concentração de japoneses nas proximidades da rua Conde podem ser justificadas devido ao custo relativamente baixo das moradias, ou melhor dizendo, dos bons porões que haviam por lá. Segundo Handa (1987, p. 158), se quisessem um lugar

barato e de fácil acesso, os porões eram as únicas opções, chegando a serem ocupados por muitos indivíduos, nem sempre pertencentes à mesma família.

Os porões também possibilitaram o desenvolvimento de atividades financeiras como barbearias, casas de *udon*⁵ e mercearias. Com o desenvolvimento da área, foram surgindo as pensões e hotéis, momento que finalmente uma única pessoa passou a alugar uma casa inteira, sem sublocá-la a outras.(HANDA, 1987, p. 158)

Após os anos 50, nota-se a intensificação de estabelecimentos comandados por imigrantes e seus descendentes como pensões, hospedagens, mercearias, lojas de produtos alimentícios tradicionais, escolas e clubes nipônicos. A região, além de se tornar o centro dos japoneses residentes em São Paulo, acabou virando um ponto de encontro daqueles que vinham do interior, constituindo-se num verdadeiro oásis, onde era possível fazer compras, participar de atividades tradicionais e matar a saudade das comidas do seu país de origem.

Além disso, não é possível deixar de lado os diversos os projetos e políticas públicas que contribuíram para a formação de uma identidade nipônica e da construção da narrativa de “bairro japonês” na Liberdade, sustentada até os dias atuais. Algumas iniciativas serão destacadas nas próximas partes deste trabalho, após uma melhor contextualização do objeto de estudo.

4 CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NIPÔNICA NO BAIRRO DA LIBERDADE

4.1 ORIGEM DO BAIRRO DA LIBERDADE

Assim como qualquer outro bairro, o bairro da Liberdade sofreu diversas transformações ao longo dos anos. Como dito anteriormente, antes da chegada dos japoneses, a região contava com a presença de alguns grupos de imigrantes de origem europeia e alemã. Vale ainda destacar que, antes da chegada desses grupos, a região era majoritariamente ocupada por pessoas negras.

Na época do Brasil colonial, a região era privilegiada por possuir uma visão ampla dos arredores. Pelo entroncamento dos antigos caminhos indígenas e dos caminhos formados pelos bandeirantes, houve o estabelecimento de uma vida urbana simples, de poucos recursos, em torno de uma espécie de feira comercial. A

⁵ Udon é um tipo de macarrão feito de farinha, com espessura grossa, bem popular na culinária japonesa.

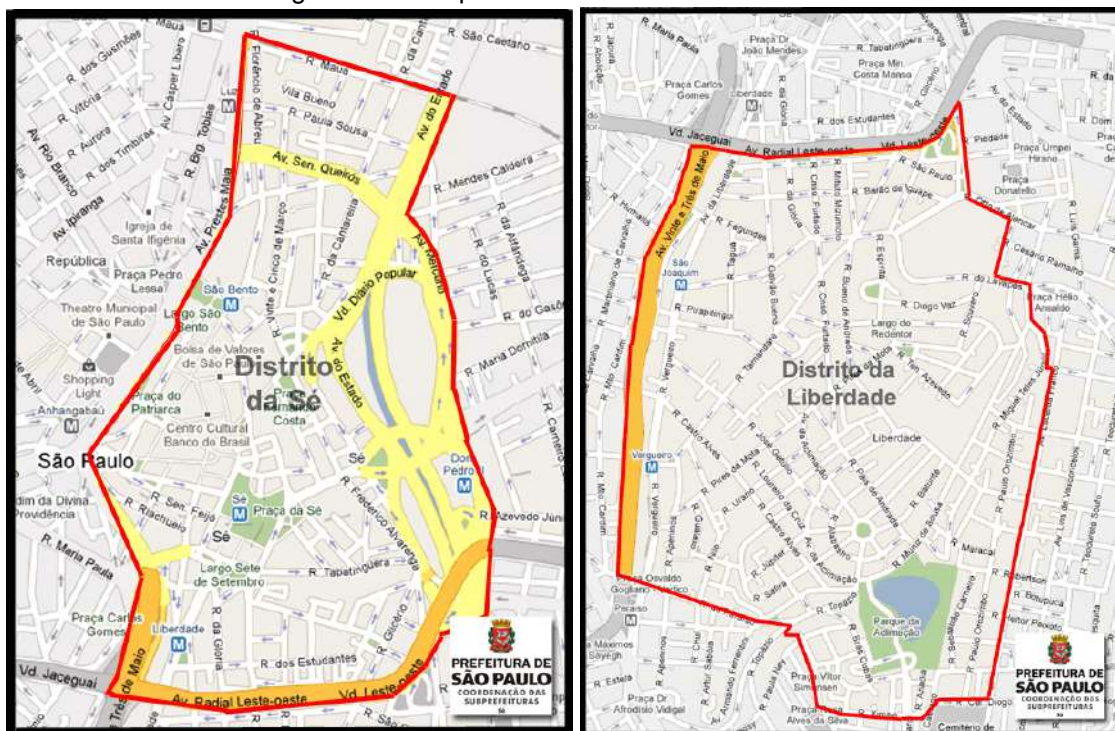
majoritariamente, aos negros e negras escravizados condenadas à forca. O cemitério foi demolido por volta dos anos 1858 e o que resta dele hoje é representado pela Capela dos Aflitos, localizada em uma pequena rua entre a Rua Galvão Bueno e a Rua da Glória.

Em 1833, o centro de São Paulo compreendido pelo Distrito da Sé foi dividido em duas partes: Distrito Sul e Distrito Norte. A atual localização do bairro da Liberdade ficou situada na parte sul e somente em 20 de dezembro de 1905, foi desmembrada por meio da Lei municipal nº 975⁶ e ganhou a nomenclatura atual, chegando mais perto dos contornos atuais.

4.2 LOCALIZAÇÃO ATUAL

Nos dias atuais, o bairro da Liberdade pertence em parte ao distrito da Liberdade e em parte ao distrito da Sé. Segundo dados da Secretaria Municipal de Subprefeituras do Município de São Paulo, o bairro conta com uma área de 3,65 km² e, em 2010, era habitada por cerca de setenta mil pessoas.

Figura 5 - Atual perímetro do distrito da Sé e da Liberdade



⁶ LEI N.975, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1905 - Muda a denominação de alguns municípios e districtos de paz do Estado. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1905/lei-975-20.12.1905.html>. Acesso em 24 ago. 2023

Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. 07 mar. 2013. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/index.php?p=36876>. Acesso em: 01 out. 2023

4.3 TRANSFORMAÇÕES ORIENTAIS NO BAIRRO DA LIBERDADE

O entendimento público de que o bairro da Liberdade é um bairro japonês dentro da cidade de São Paulo foi sendo formado pelos rituais, que nada mais são do que narrativas. Segundo NASSAR, FARIAS e POMARICO (2019), essas narrativas engajam o Eu e o Outro em espaços e culturas com fortes identidades locais, respeitando e se repetindo no tempo por meio de inúmeras mídias.

O ritual como narrativa se apresenta em texto, em corpos, em performance de atores, em voz (palavras, murmúrios e cantos), em imagens ou canto, mais a marcação obrigatória – a partir do poder de um sacerdote, xamã, executivo moderno – do espaço (o anfiteatro, a sala do palácio, a oca indígena) onde se desdobra o acontecimento (decorum, cerimônia, liturgia, magia, homenagem,69,...). Ritual sempre caracterizado por um “eterno retorno” (repetição) do que é dito, bem dito, mal dito ou não dito, com intenções de atingir alguma eficácia. (NASSAR; FARIAS; POMARICO. p. 217. 2019)

Desde a chegada e intensificação da imigração japonesa na cidade de São Paulo, são diversos os elementos que foram sendo construídos para que a narrativa nipônica se consolidasse no bairro da Liberdade. Em um trabalho que mistura um pouco de antropologia dentro do campo da comunicação, serão destacados a seguir alguns elementos que foram essenciais para a alteração das percepções públicas do espaço.

4.3.1 Cine Niterói

No dia 23 de julho de 1953 a rua Galvão Bueno ganhou um espaço de entretenimento que foi muito apreciado pela comunidade japonesa, tornando-se um dos maiores pontos de encontro da região. Localizado no térreo de um prédio de cinco andares, o Cine Niterói exibia semanalmente filmes produzidos no Japão para mais de 1.500 espectadores japoneses por sessão (DIAS, 2016, p.32).

Na obra Guia da Cultura Japonesa (2004), na parte que conta um pouco sobre a história do bairro da Liberdade, é relatado que o Cine Niterói acabou se transformando em um ponto de referência para os japoneses que estavam na cidade

de São Paulo, resultando na abertura de novos pontos comerciais ao seu redor, que sempre tinham como principal mercadoria os produtos japoneses. Nesse sentido, o local passou então a apresentar um fragmento afetivo do Japão para os imigrantes.

Figura 6 - Entrada do Cine Niterói



Fonte: Acervo Estadão.

Em 1968, o local que ajudou a fomentar uma rede de comércio da região foi desapropriado para ceder espaço para a construção da Ponte Osaka. Susumu, o único sobrevivente dos irmãos da família Tanaka, proprietária do Niterói, relatou em uma entrevista realizada por Francisco Noriyuki Sato, autor do blog Cultura Japonesa.com, que o valor da indenização fora muito baixo, o que só permitiu que a família conseguisse adquirir um prédio menor na Avenida Liberdade. Não conseguindo alcançar a glória de antes, acabou fechando as portas em 1988, assim como vários cinemas de rua que não resistiram às mudanças do mercado.

4.3.2 Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social - Bunkyo

A Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, mais conhecida por Bunkyo⁷, foi fundada em 17 de dezembro de 1955 pelos membros da “Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró IV Centenário de São Paulo”, grupo que foi responsável por auxiliar na comemoração da data, que não simbolizava apenas os quarenta anos da chegada dos japoneses no Brasil, mas também demonstrava a aceitação desse povo em seu território.

Segundo Maria Cecília (2018), os membros que integravam essa comissão eram pessoas já bem estabelecidas em áreas como comércio e agronegócio, que teriam a possibilidade de contribuir com seus próprios recursos e buscar outros apoios para contribuir no grande evento paulistano que estaria marcado também pela construção do Pavilhão Japonês no atual Parque Ibirapuera.

Após as celebrações do IV Centenário da Imigração Japonesa, os membros decidiram manter a sua estrutura com o objetivo de organizar as comemorações do Cinquentenário da Imigração Japonesa no Brasil e continuar a auxiliar a comunidade nipo-brasileira no país, principalmente levando em consideração a separação que ocorreu dentro da comunidade no período de pós-guerra, após a derrota do Japão, quando algumas pessoas reconheciam o fracasso e outras não.

Ao lado dessas metas de consequências imediatas, a comissão da colônia japonesa nas festas do IV Centenário ainda tinha o seu plano principal de longo prazo: a reorganização da comunidade nipo-brasileira, ainda separada por mágoas e ressentimentos desde a sua cisão em “vitoristas” e “derrotistas”. Além dessa divisão ideológica do pós-guerra, a colônia japonesa daquele início dos anos 1950 já não era mais uma comunidade exclusiva de imigrantes, mas tinha muitos nisseis adultos e até sanseis, o que aumentava sua diversidade interna (que já era bem considerável) e, portanto, o desafio de quem tentava unificá-la. (PORTO, 2018, p. 131)

Em abril de 1964, houve a inauguração da sede do Bunkyo, localizada entre as ruas São Joaquim e Galvão Bueno. Desde então, o espaço de nove andares proporciona a disseminação das raízes japonesas por meio de um calendário⁸ repleto de atividades culturais (*workshops* de *ikebana*⁹, música tradicional, literatura,

⁷ Em japonês, Bunkyo é uma abreviatura da palavra “associação cultural”, formada por *bunka*, que significa cultura, e *kyoukai*, associação.

⁸ Toda a programação encontra-se disponível no site oficial do Bunkyo e em suas respectivas redes sociais: www.bunkyo.org.br/br/noticias-e-eventos/eventos/.

⁹ Ikebana (生け花) é uma forma de arte japonesa de preparar arranjos de flores e plantas com base no simbolismo, harmonia, ritmo e cor.

folclore, aulas de japonês, cerâmica), eventos (*Bunka Matsuri*¹⁰, *Gueinosai*¹¹, *FIB*¹²) e cerimônias (do chá e religiosas). Além disso, o prédio ainda abriga o Museu da Imigração Japonesa, espaço gerido pela própria associação, um ginásio esportivo, auditório, biblioteca, sala de exposição e estacionamento.

Quadro 2 - Estrutura do Edifício Bunkyo

Edifício Bunkyo			
9º, 8º e 7º andar	<ul style="list-style-type: none"> Bunkyo: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil 		
6º andar	<ul style="list-style-type: none"> Jornal Nippon já / Ass. Brasil Nippo Yoshi! Curso de língua japonesa 		
5º andar	<ul style="list-style-type: none"> Kenren – Federação das Associações de Província do Japão no Brasil 		
4º andar	<ul style="list-style-type: none"> Ikoi-no-Sono – Assistência Social Dom José Gaspar Associação de Chá Urassenke Cia. Fujima de Dança Kabuki 		
3º andar	<ul style="list-style-type: none"> Comissão de Ikebana / Assoc. Ikebana do Brasil JCI – Câmara Júnior Brasil-Japão JINMONKEN – Centro de Estudos Nipo-Brasileiro Escritório do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil 		
2º andar	<ul style="list-style-type: none"> Instituto Brasil Japão de Integração Cultural e Social Bunkyo: Salão Nobre Bunkyo: Salas de Reunião 	Edifício Anexo	<ul style="list-style-type: none"> Bunkyo: Pequeno Auditório
1º andar	<ul style="list-style-type: none"> CIATE – Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior Bunkyo: Salas de Reunião Bunkyo: Comissão de Jovens Bunkyo 		<ul style="list-style-type: none"> Bunkyo: Biblioteca
Térreo	<ul style="list-style-type: none"> Bunkyo: Secretaria e Diretoria Bunkyo: Grande Auditório Bunkyo: Portaria 		<ul style="list-style-type: none"> Bunkyo: Sala de Exposição
1º subsolo	<ul style="list-style-type: none"> Bunkyo: Espaço Cultural Bunkyo 		<ul style="list-style-type: none"> Estacionamento
2º subsolo	<ul style="list-style-type: none"> AOSP – Associação Orquidófila de São Paulo 		<ul style="list-style-type: none"> Estacionamento

Fonte: Bunkyo

¹⁰ Bunka Matsuri (文化祭) é um Festival da Cultura Japonesa que em 2023, em sua 17ª edição, comemorou os 115 anos da Imigração Japonesa no Brasil.

¹¹ Gueinosai (芸能祭) é o mais tradicional espetáculo de música e dança japonesa no Brasil e ocorre desde 1966.

¹² FIB (Fórum de Integração Bunkyo) é um encontro criado para promover a troca de ideias com os líderes da comunidade nipo-brasileira.

Figura 7 - Sede do Bunkyo



Fonte: elaborado pela autora (2023)

A diversidade de atividades realizadas no Bunkyo consegue atrair tanto aqueles que buscam oportunidades de encontro e lazer quanto aqueles que almejam compreender melhor a história do povo japonês. É um espaço onde os rituais da comunidade nipo-brasileira se manifestam, onde as narrativas estão presentes em cada elemento, em cada andar, em cada evento, em cada celebração. O local consegue unir o que é possível enxergar nos arredores do bairro: a mistura do tradicional, dos antepassados, com o moderno, das novas gerações.

Suas ações não se limitam apenas ao espaço da sede localizada entre a rua São Joaquim e Galvão Bueno, visto que o Centro Kokushikan¹³ e o Pavilhão Japonês¹⁴ também estão sob coordenação do Bunkyo. Além disso, são diversos os eventos em prol da sociedade que recebem a sua ajuda, alguns deles até mesmo estão localizados em comunidades afastadas do bairro da Liberdade.

É válido considerar a sede como um dos lugares onde boa parte dos rituais de narrativas nipônicas ocorrem no bairro. Para entender melhor a estruturação do

¹³ Inicialmente o Centro Kokushikan pertencia a Universidade Kokushikan do Japão, voltada às artes marciais, porém em 1996, a filial brasileira foi extinta por dificuldades econômicas e acabou doando sua propriedade ao Bunkyo. Hoje o espaço conta com um ginásio esportivo, campo de mallet e mais de 1000 pés de cerejeira, sediando o importante Festival das Cerejeiras Bunkyo – Sakura Matsuri.

¹⁴ O Pavilhão Japonês foi doado à cidade de São Paulo, em 1954, na comemoração do 4º Centenário de sua fundação, foi construído pelo governo japonês e pela comunidade nipo-brasileira, simbolizando a amizade entre esses dois países. O espaço conta com um grande jardim, lago com carpas e uma estrutura construída com inspiração no Palácio Katsura de Kyoto.

processo de ritual e comunicação dos aspectos culturais, abaixo seguem dois quadros: o *Quadro de Perguntas e de Problemas de Pesquisas* elaborado pelos autores Nassar, Farias e Pomarico (2019) e outro preenchido com as possíveis respostas para o organismo do Bunkyo. Na próxima seção, alguns elementos que compõem este organismo serão brevemente enunciados.

Quadro 3 - Quadro de Perguntas e de Problemas de Pesquisas de Nassar, Farias e Pomarico.

Quem diz? - Como o ritual expressa e transmite o poder enunciator, nos contextos das Relações Humanas, da Política e da Cultura?
O que se diz, para quem e como é dito? - Como o ritual como mensagem e mídia, estruturado em gêneros expressivos das Artes e nas mais diferentes culturas, trabalha na perspectiva do Eu e do Outro o que se diz e as formas de dizer (e não dizer)?
Onde é dito? - Como se dá a dimensão ritual do espaço, do território, das memórias e das narrativas nas organizações?
Quando é dito? - Como se dá nas organizações a dimensão ritual do tempo e suas metáforas e suas relações com os fatos, com as estações do ano; com o passado, presente e com o futuro?
Por que é dito? - Como o ritual organiza as razões daquilo que é transmitido (como experiência, conhecimento, informação, sentimento de pertença e de orgulho, no contexto organizacional, a história organizacional contada e vista pela memória individual e social?

Fonte: Nassar, Farias e Pomarico (2019)

Quadro 4 - Respostas para a estrutura ritual cultural do Bunkyo

Quem diz? - A Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social – Bunkyo.
O que se diz, para quem e como é dito? - Tem como objetivo divulgar, perpetuar e relembrar a cultura japonesa, sendo dito para a comunidade nikkei ou não, por meio de todas as atividades e eventos promovidos e também por toda a comunicação inclusa na arquitetura de seu espaço físico.
Onde é dito? - Em sua grande maioria acontece na dimensão que abrange o espaço da sede e por vezes em locais que recebem seu apoio social comunitário e em estruturas que estão sob sua coordenação.
Quando é dito? - Semanalmente (atividades culturais, educacionais e esportivas); mensalmente (amostras de cinema e bazares beneficentes) e anualmente (eventos tradicionais).
Por que é dito? - Para cumprir com a sua missão: "Representar a comunidade nipo-brasileira e promover a preservação e divulgação da cultura japonesa no Brasil e da brasileira no Japão, bem como incentivar e apoiar as iniciativas voltadas a esta finalidade".

Fonte: da autora

4.3.2.1 Atividades culturais, educacionais e esportivas

Ao longo do ano, são diversas as atividades realizadas pela associação, mas as mais conhecidas e de maior impacto são os *workshops* de *ikebana*¹⁵, música e literatura tradicional, folclore, mangá¹⁶, artesanato e cerâmica. Além disso, o espaço também é utilizado para atividades educacionais, como palestras sobre bolsas de estudo no Japão e aulas de japonês. e para atividades esportivas, como os treinos de vôlei e de badminton.

Figura 8 - Montagem com algumas atividades realizadas no segundo semestre de 2023



Fonte: Bunkyo. 2023. Disponível em: <www.bunkyo.org.br/br/noticias-e-eventos/eventos/>. Acesso em: 01 out.2023.

4.3.2.2 Eventos

A sede do Bunkyo também é cenário de muitos eventos já conhecidos da comunidade nipônica, alguns organizados pela própria associação e seus comitês. Aqui ganham destaque dois deles: Gueinosai e Bunka Matsuri.

O Gueinosai (芸能祭) acontece desde 1966 e é reconhecido como o mais tradicional e importante festival de música e dança folclórica japonesa do país, atraindo anualmente¹⁷ um público de diversas faixas etárias. Nele, acontecem apresentações com características marcantes e específicas das numerosas

¹⁵ Ikebana (生け花) é uma forma de arte japonesa de preparar arranjos de flores e plantas com base no simbolismo, harmonia, ritmo e cor.

¹⁶ Mangá (マンガ) é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa.

¹⁷ O festival só não aconteceu durante os anos de 2020 e 2021 devido a pandemia do Covid-19.

províncias do Japão, fato que acaba atraindo muitos descendentes com mais idade, que vêm apreciar as atrações diretamente ligadas a suas raízes nipônicas.

Figura 9 - Dança Tottori Shan Shan Kassa Odori no Gueinosai 2019



Fonte: Marcel Uyeta. 2019. Disponível em: <www.bunkyo.org.br/br/2023/06/gueinosai-2023/>. Acesso em: 01 out. 2023

O Bunka Matsuri (文化祭) é um evento de cultura japonesa organizado pela Comissão de Jovens do Bunkyo¹⁸ e surgiu inicialmente com a proposta de ser um bazar beneficente. Hoje, é composto por variadas atrações como workshops, shows, concurso de *cosplay*¹⁹ e o tradicional concurso de *Miss Nikkey*²⁰. Suas atrações se dividem entre o tradicional e o novo da cultura pop japonesa.

¹⁸ A Comissão de Jovens do Bunkyo é um grupo formado por jovens (de ascendência nipônica ou não) que tem como missão preservar, valorizar e divulgar a cultura japonesa através da integração e desenvolvimento dos jovens das entidades em prol da sociedade. Para saber mais acesse: www.bunkyojovens.org.br/

¹⁹ Cosplay é uma forma de expressão artística onde as pessoas se vestem como personagens fictícios, geralmente de jogos, animes, filmes e séries.

²⁰ O Miss Nikkey é o mais tradicional concurso de beleza nipônica e tem como objetivo divulgar a beleza nipo-brasileira, acontecendo desde 2009. Para saber mais acesse: www.missnikkey.com.br/

Figura 10 - Workshop de vestimenta tradicional japonesa da 17ª edição do Bunka Matsuri



Fonte: Lucas Pereira (2023)

4.3.2.3 Cerimônias

O Bunkyo é palco das cerimônias de boas-vindas e de despedidas dos cônsul-geral em São Paulo e também das visitas de membros da família imperial japonesa. A última presença deste caráter ocorreu em 2018, ano que marcou os 110 anos da imigração japonesa, onde a princesa Mako esteve no Bunkyo para a reinauguração do 8º andar do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Esses eventos memoráveis aumentam o seu respeito por despertar uma grande força simbólica principalmente entre os imigrantes e descendentes mais velhos.

Figura 11 - Visita da princesa Mako no Bunkyo



Fonte: Bunkyo. Disponível em: <www.bunkyo.org.br/br/sobre-o-bunkyo/quem-somos/>.
Acesso em: 11. set. 2023

4.3.2.4 Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

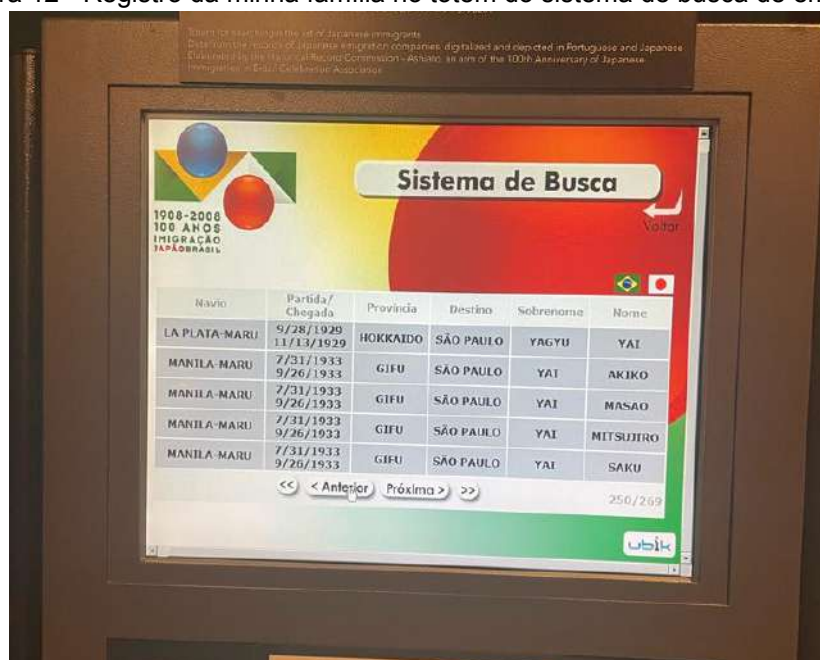
Os museus são dispositivos de recordações do plano institucional. Não apenas resgatam o passado e possuem como objetivo preservar um legado, mas também possuem o poder de evocar memórias que se conectam por meio das narrativas e das experiências. Nesse sentido, são entendidos como lugares de memória que preservam coleções históricas e culturais. Nisso, o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, pode ser entendido como um dos principais elementos que contribuem para que a Liberdade seja entendida como um lugar de memória da comunidade nipo-brasileira.

O Museu conta com três andares (7º, 8º e 9º da sede do Bunkyo), cada um referente a uma fase imigração. A primeira parte conta sobre a chegada dos imigrantes ao país, reproduz por meio de maquetes e instalações seus modos de vida inicial. A segunda conta mais sobre a difícil fase da 2ª Guerra Mundial e suas consequências. E a terceira finaliza a linha do tempo dos anos 50 até a atualidade, contemplando elementos do Japão atual e de sua influência na cultura pop.

Uma das experiências do Museu mais sentimentais e afetivas, principalmente para os nipo-brasileiros, é o dispositivo desenvolvido pelo Projeto ASHIATO²¹, onde é possível localizar, por meio do sobrenome, informações como o nome do navio, a data, o destino e a província de seus familiares.

²¹ O projeto ASHIATO envolveu mais de 100 voluntários, em sua maioria imigrantes idosos, e teve como objetivo digitalizar todas as Listas de Passageiros dos navios de emigração, registradas pelas Empresas de Emigração Japonesa.

Figura 12 - Registro da minha família no totem do sistema de busca de emigrantes



Fonte: elaborado pela autora (2023)

As experiências multissensoriais proporcionadas pelos elementos e pelas narrativas que compõem o ambiente do museu auxiliam na construção do espaço ritualístico, uma vez que, segundo Nassar, Farias e Pomarico (2019, p. 219), os rituais são narrativas em ação que configuram as experiências, canalizam e expressam emoções, promovem a orientação de comportamentos, consolidam ou questionam o *status quo*.

4.3.3 Plano De Orientalização da Liberdade - Randolpho Marques de Lobato

Paulo Nassar, Luiz Farias e Emiliana Pomarico (2019) explicam que a comunicação é o organismo, em suas dimensões de passado, presente e futuro, ou seja, não é apenas um fenômeno organizacional, que pode ser separado do todo, mas é a própria organização.

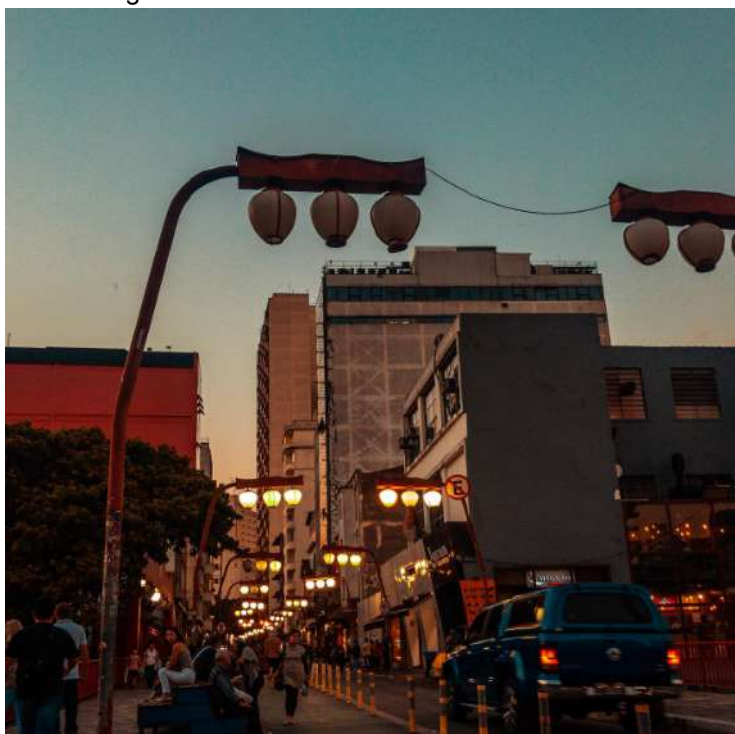
As características de um bairro, suas particularidades, sua arquitetura, são alguns dos elementos que quando estudados no campo da antropologia e da comunicação podem ser entendidos como dispositivos que guardam em si o poder de nos contar uma história ou de resgatar uma memória.

Em nossa relação com o território, a memória estimulada pela arquitetura e pelos objetos contidos em um habitat, é produzido o que os romanos denominavam como *genius loci*, o espírito do lugar. (NASSAR; FARIAS; . p. 07. 2023)

O bairro com as marcantes características arquitetônicas que conhecemos hoje é resultado do projeto idealizado pelo jornalista Randolph Marques Lobato no início da década de 70, que teve como inspiração os bairros chineses de algumas cidades dos Estados Unidos, conhecidos como *Chinatown*, e buscava crescimento e valorização econômica por meio da turistificação do bairro.

Apesar de ser conhecido como *Plano De Orientalização da Liberdade*, o projeto teve como objetivo a instalação de componentes ligados diretamente a um único país da região do leste asiático: o Japão. Na ocasião, após um acordo político-econômico consolidado pelas associações de comerciantes locais e a Prefeitura de São Paulo, foram instalados elementos como as famosas lanternas vermelhas (*suzuranto*), o pavimento formado pela heráldica japonesa (*mitsudomoe*) e o enorme portal vermelho (*torii*) colocado no começo do Viaduto Cidade de Osaka.

Figura 13 - Lanternas suzuranto na Liberdade



Fonte: Lucas Pereira (2018)

Figura 14 - Torii no Viaduto Cidade de Osaka



Fonte: Lucas Pereira (2023)

Figura 15 - Mitsudomoe na calçada da rua Galvão Bueno



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Além dos elementos citados acima, o projeto previa a construção de jardins que combinassem com o paisagismo japonês. É o caso do Jardim Oriental (Figura 16) localizado na rua Galvão Bueno, e do Jardim japonês do Largo da Pólvora (Figura 17), delimitado pela Avenida da Liberdade, Rua Tomás Gonzaga e Rua Américo de Campos.

Figura 16 - Jardim Oriental em 2023



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Figura 17 - Largo da Pólvora em 2023



Fonte: Lucas Pereira (2023)

Os elementos escolhidos para serem inseridos no espaço imaginário do bairro oriental por vezes nem faziam parte do cotidiano dos imigrantes que se

instalaram na região ou tiveram seu uso e significado distanciados dos originais. Aqui, houve uma seleção de traços distintivos de uma cultura que foram replicados indistintamente para a criação de uma imagem incorreta do oriente edificado pela lógica do capital. (NAKAGAWA; OKANO; NAKAGAWA. p.49. 2011)

Essa lógica é muito bem discutida no artigo *Duas visões da liberdade: a orientalização e a orientalidade* (2011), de Fábio Nakagawa, Michiko Okano e Regiane Nakagawa, que trata dos processos de constituição do espaço comercial no Bairro Oriental da Liberdade, sendo o primeiro relacionado com a formação histórica dos imigrantes orientais na Liberdade e o segundo, associado à lógica hegemônica do mercado global.

Embora o projeto tenha sido moldado pelo processo da orientalidade e de forma midiática, a tentativa de construir uma narrativa de que o bairro é um “pedaço do Japão fora dele” apresentou resultados satisfatórios para atrair mais turistas para a região e contribuir com o desenvolvimento do bairro, pois, desde o início, pois notou-se a expansão do comércio hegemônico principalmente no trecho compreendido entre a Praça da Liberdade e o Viaduto Osaka (NAKAGAWA; OKANO; NAKAGAWA. p.47. 2011).

Compreendendo que a cultura japonesa funcionava como um produto rentável, os estabelecimentos do bairro começaram a aderir alguns traços da arquitetura nipônica para se tornarem mais atrativos e sintonizados com a atmosfera que estava sendo construída, constituindo o organismo da narrativa do bairro oriental.

Figura 18 - Montagem das fachadas dos estabelecimentos McDonald's e OakBerry no bairro da Liberdade



Fonte: Lucas Pereira (2023)

Figura 19 - Montagem das fachadas dos bancos Itaú e Bradesco no bairro da Liberdade



Fonte: Lucas Pereira (2023)

Entretanto, não se deve descartar que essas mudanças são uma forma de humanizar a comunicação das empresas ao contextualizar sua atuação no bairro. A arquitetura e a inserção dos letreiros em japonês dessas unidades chamam a atenção e despertam sentimentos, criando identificações, principalmente para o público nipo-brasileiro.

Contextualizar é humanizar. Conectar é humanizar. Quando há a conexão, há a humanização. (POMARICO, 2019, p.285)

4.3.4 Feirinha da Liberdade, mercearias e restaurantes

Aos finais de semana e feriados, é impossível sair do metrô Japão-Liberdade e não notar o intenso fluxo de pessoas e barraquinhas logo após subir as escadas que dão acesso à praça principal do bairro. Esse movimento é resultado da popular Feira de Arte, Artesanato e Cultura da Praça da Liberdade, ou “feirinha da Liberdade”, como é popularmente conhecida.

Realizada desde 1975, a feira começou apenas com a venda de produtos de artesanato japonês e hoje apresenta os mais variados artigos orientais e não

orientais. O ponto forte é, sem dúvidas, as barraquinhas de comida, que estão sempre com enormes filas, faça chuva ou faça sol.

Figura 20 - Multidão na Feirinha da Liberdade



Fonte: elaborado pela autora (2023)

No artigo *Um esboço do presente* de Paulo Nassar e Luiz Farias (2023), os autores destacam uma passagem do livro *O caminho de Swann*, onde um personagem acessa várias memórias não mais lembradas ao beber um chá e comer um biscoito que esteve presente em sua vida em uma época passada.

Esse raio de lembranças pode ser estimulado por um objeto na direção de um marco passado, de um grupo familiar, comunitário, em que a identidade se define pela idade, pelo gênero, pela etnia, pelo trabalho, pelo aprendizado, dentre outras possibilidades que produzem o sentimento de pertencer ou de pertencimento (NASSAR; FARIAS. p. 07. 2023)

A comida é um dos dispositivos memoriais mais presentes no dia-a-dia pois faz parte do ritual milenar da comensalidade. Mais do que nutrir o corpo, o alimento tem a capacidade de nutrir a alma, pois se reveste de diversas dimensões simbólicas, moldadas conforme a cultura de uma determinada sociedade. Por esse e outros fatores, é possível observar que a maioria das mercearias e restaurantes na região da Liberdade têm como foco a venda de pratos típicos e produtos importados.

Ao se fixarem em um local, os imigrantes logo buscavam uma forma de obter um dos ingredientes base de sua culinária: o *missô*²², ingrediente fundamental para

²² O missô é uma pasta de soja fermentada muito utilizada na culinária japonesa, chinesa e coreana.

a fabricação do *missoshiru* (sopa de missô), acompanhamento tradicional das refeições japonesas. Handa (1987) comenta que era fácil distinguir as residências habitadas pelos primeiros imigrantes japoneses, por conta do cheiro característico de *missoshiru* que pairava pelo ar.

Para os brasileiros devia ter sido um cheiro esquisito ou, pelo menos, estranho, mas, para os japoneses que vinham do interior, tratava-se do cheiro saudoso do missô, capaz de curar a nostalgia da pátria (HANDA, p. 160. 1987)

Há uma grande variedade de restaurantes na Liberdade, mas os restaurantes japoneses mais tradicionais apresentam em seu menu comidas que são consideradas “*comfort foods*”, ou seja, alimentos que fornecem um valor nostálgico e sentimental. Os restaurantes mais tradicionais e mais antigos do bairro apresentam em seu menu o tradicional *teishoku*, que pode ser comparado ao “prato feito” no Brasil. O *teishoku* normalmente é acompanhado de três itens fixos: Gohan (arroz japonês), *missoshiru* e *tsukemono* (conserva de vegetais). É o caso do Hinodê, um dos restaurantes mais antigos de São Paulo, que funciona desde 1965.

Figura 21 - Montagem da fachada e do menu da Hinodê



Fonte: Lucas Pereira (2023)

Hoje é possível ver uma crescente fixação de mercearias tipicamente chinesas e coreanas no bairro, o que não era comum em tempos atrás. Um fato

curioso, é que, alguns dos grandes estabelecimentos próximos a praça da Liberdade são de propriedade de um mesmo dono, Johnny Guo, um taiwanês que investe na expansão de seus negócios no bairro desde a década de 90. Guo poderia muito bem montar estabelecimentos ligados à sua terra natal, já que se instalou em um bairro “oriental”, mas compreendeu que a narrativa que dominava o ambiente era, de fato, a nipônica, o que resultaria em uma maior lucratividade e sucesso de seus negócios.

Figura 22 - Tirinha que ilustra alguns dos estabelecimentos do Johnny Guo



Fonte: Magenta King/Veja SP. 10 jan. 2020. Disponível em: veja.sp.abril.com.br/cidades/empresario-bairro-liberdade. Acesso em: 01 out. 2023

4.3.5 Eventos (*Ano Novo Chinês, Tanabata Matsuri, Moti Tsuki, Toyo Matsuri*)

Os tradicionais eventos que ocorrem nas proximidades da praça da Liberdade funcionam como rituais que sobrepõem mais uma vez a narrativa nipônica no bairro. Durante o ano, são quatro grandes celebrações que atraem um grande número de visitantes: *Ano Novo Chinês, Tanabata Matsuri, Moti Tsuki* e *Toyo Matsuri*, sendo

apenas a primeira relacionada diretamente a outra cultura diferente da japonesa e não organizado pela Acal (Associação Cultural e Assistencial da Liberdade)²³.

Como dito anteriormente, as celebrações do *Ano Novo Chinês* tem sua origem na China, porém, vários países da Ásia como Japão, Coreia do Sul e Vietnã celebram a chegada do novo ciclo lunar. O *Tanabata Matsuri*, conhecido como o Festival das Estrelas, também tem sua origem em uma lenda chinesa, mas hoje em dia é uma das maiores festas populares do Japão. O *Moti Tsuki*, ou Festival do Bolinho da Prosperidade, é uma celebração milenar que consiste no preparo artesanal do moti (bolinho de arroz) no último dia do ano, simbolizando a união e prestando agradecimentos ao ano que passou. Já o *Toyo Matsuri* é uma celebração que acontece há mais de 50 anos no bairro e tem como objetivo agradecer a contribuição das pessoas ao longo do ano que passou.

Figura 23 - Tanabata Matsuri de 2018



Fonte: Lucas Pereira (2018)

Embora o *Toyo Matsuri* seja uma celebração que de fato é amplamente entendida como uma celebração oriental, teve sua primeira edição em 1969

²³ A Acal é a Associação Cultural e Assistencial da Liberdade. Eles têm por finalidade proporcionar a integração dos comerciantes e moradores, prestando serviços sociais e promovendo eventos na região.

organizada pela comunidade nipo-brasileira, com a apresentação de dança típica “bon odori” (CULTURA JAPONESA.COM). Esse histórico, somado a outros fatores que contribuem para o domínio da narrativa nipônica no bairro, podem justificar o porquê da maioria das atrações deste festival pertencerem à cultura japonesa.

Figura 24 - Programação do 52º Toyo Matsuri (2022) publicada no Instagram da ACAL

PROGRAMAÇÃO 52º TOYO MATSURI		
DIA 3 (SÁBADO)		
10H: Rádio Taisso	13H50: Cantora Lilica	Zheng Ya Meng
10H20: Rizumu Taisso	14H05: Cantor Sergio Tanigawa	16H15: Buyo-bu Acal e Shinsei Acal
10H40: Taiko Acal	14H: Cerimônia Xintoísta (Rua Galvão Bueno)	16H30: Yosakoi Shinsei Acal
11H: Instrumental Er Hu	14H30: Parada Taiko & Jya Odori	16H45: Buyo-bu Acal e Shinsei Acal
11H25: Mika Youtien	14H40: Hanayagui Kinryuu Kai	17H: Artes Marciais - Okinawa Goju Ryu Hozonkai
11H45: Artes Marciais (Confederação Brasileira de Aikidô Takemussu)	14H50: Shan Shan Kassa Odori - Tottori	17H25: Taiko - Kodaiko
12H10: Ginástica Kenko Taissô	15H: Awa Odori - Grupo Represa	17H45: Cantor Diogo Miyahara - Tokusatsu Cosplay
12H25: Instrumental - Artes Mestre Ming	15H15: Cerimônia de Abertura - Palco	18H20: Banda Tribute Geek Voices
12H50: Mika Youtien	15H40: Kenko Taisso	19H: Encerramento
13H05: Hideki	16H: Instrumental - Aria	
13H30: Artes Marciais - Karatê Kiyokushin Liberdade		
DIA 4 (DOMINGO)		
10H: Associação Radio Taisso Liberdade	Nakase	(Dança da Espada)
10H15: Rizumu Taisso	12H40: Uma Noite Aloha (Dança)	14H50: Cia de Dança Fuji-ma
10H35: Aikido Maruyama	12H55: Pamela (Cantora)	15H10: Kiendaiko (Taiko)
11H: Balé Copélia	13H15: Buyo-bu Acal (Dança Japonesa)	15H30: Goju Odori - Gifu Kenjinkai (Dança)
11H20: Cantores: Ayako, Kaju e Claudia	13H30: Arte Instrumental - Mestre Ming	15H50: Joe Hirata
11H35: Instrumental - Shamisen - Vicious	13H55: Corpus Line (Dança)	16H25: Requios (Taiko)
11H55: Cantores - Takeshi Nishimura e Isa Toyota	14H30: Artes Marciais - Koryu Dojo da Ryujinkai	16H50: Sasha Jiang
12H15: Cantor Ricardo		17H10: Banda Eliseos
		17H35: Banda Drums
		18H: Encerramento
<i>*Programação sujeita a alteração sem aviso prévio</i>		

Fonte: Reprodução Instagram

4.3.6 Revitalização de 100 anos da imigração (2008)

Em 2007, um ano antes da celebração do centenário da imigração japonesa no Brasil, a prefeitura de São Paulo como forma de homenagear o marco, assinou

um contrato de cooperação com o Instituto Paulo Kobayashi²⁴ para trabalhar na revitalização de certas partes do bairro oriental as quais o imperador japonês, Akihito, circulou em 1997, durante uma visita ao país. Fato que resultou na escolha do nome do projeto: Caminho do Imperador.

A iniciativa buscava unir modernidade à tradição, porém, não foi concluída e, segundo a matéria produzida em 2010 por Daniel Salles para a revista Veja SP, só atingiu a primeira fase graças aos recursos fornecidos sobretudo pelo Banco Bradesco, que possibilitou que algumas lojas próximas a praça da Liberdade ganhassem adornos orientais de madeira e colaborou para a manutenção das luminárias espalhadas pelo bairro.

4.3.7 Revitalização de 110 anos da imigração - Estação Japão-Liberdade e Praça da Liberdade-Japão (2018)

Um novo projeto de revitalização do bairro foi aprovado em 2018, dessa vez em comemoração aos 110 anos da imigração japonesa e obteve o suporte financeiro do empresário e presidente da Acal, Hirofumi Ikesaki, que investiu cerca de 200 mil reais na revitalização e alteração do nome do metrô e da praça, que passaram a se chamar Japão-Liberdade e Praça da Liberdade-Japão, respectivamente.

Hirofumi Ikesaki foi um imigrante que chegou ao Brasil em 1934 e desde muito jovem começou a exercer uma série de atividades profissionais, tendo atuado como agricultor, ajudante-geral, faxineiro, entregador, taxista e tintureiro antes de se tornar um dos mais bem-sucedidos empresários nipo-brasileiros. Fundou conjuntamente com seu irmão, em 1964, na Rua dos Estudantes, uma A Ikesaki, uma das maiores redes de lojas de cosméticos e produtos de beleza de São Paulo.

Desde a década de 1960 no bairro, Ikesaki foi um dos lojistas que atuaram para fortalecer/valorizar o comércio relacionado aos japoneses. Com essa preocupação, em 1965, é fundada a Associação de Confraternização dos Lojistas, depois dos Lojistas da Liberdade e, posteriormente, ACAL – Associação Cultural e Assistência da Liberdade. Em 1997, Ikesaki foi eleito presidente da ACAL, cargo que ocupou até sua morte.

²⁴ O Instituto Paulo Kobayashi é uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo transformar a integração de poder público, iniciativa privada e cidadãos comuns em projetos sociais. Saiba mais em: <https://www.ipk.org.br/>

Hirofumi Ikesaki veio a falecer em 2022, mas seu legado jamais será esquecido, principalmente pela comunidade nipo-brasileira do bairro da Liberdade, onde era até mesmo chamado de “prefeito” e “incansável guerreiro” por sempre estar empenhado em apoiar e propor novos projetos e melhorias para o local.

Figura 25 - Placa do metrô Japão-Liberdade



Fonte: Lucas Pereira (2023)

Na época, a mudança gerou uma série de discussões nas redes sociais, pois, embora o bairro já seja conhecido pela presença da cultura japonesa, outros imigrantes também habitaram e/ou habitam em grande número a Liberdade. Como dito no capítulo anterior, a região já foi ocupada majoritariamente por imigrantes europeus e pelo povo africano antes da chegada dos japoneses e, nos dias atuais, ainda conta com um expressivo volume de chineses e coreanos.

Em 2023, um novo projeto aprovado pelo prefeito Ricardo Nunes alterou, novamente, o nome da praça mais frequentada do bairro, que agora passa a se chamar Liberdade África-Japão, movimento que foi entendido como uma reparação histórica. A justificativa resumida da PL 0023/2020 seria:

Por todas as razões acima expostas, apresentamos o presente Projeto de Lei que se propõe a corrigir o lapso da Lei 16.960/18 que deixou de considerar a presença negra no bairro da Liberdade. Propomos essa correção com a alteração da denominação da Praça Japão Liberdade para Praça Liberdade África - Japão, denominação que faz justiça e coloca em ordem historiográfica cada um dos componentes da nova denominação. África, primeiro porque a escravidão africana começou em 1539 e seus efeitos ainda são sentidos hoje.

Japão, cujos primeiros imigrantes chegaram em Santos, no dia 18 de junho de 1908, no navio Kasato Maru, em Santos; e Liberdade que homenageia a inauguração da estação Liberdade, em 17 de fevereiro de 1975. (São Paulo (SP), 2020, p. 91)

Entretanto, a placa de sinalização da praça nunca foi alterada, nem com a mudança de 2018 e nem com a mudança de junho de 2023. É como mostra a imagem abaixo, tirada no dia 08 de setembro de 2023 (figura 26).

Figura 26 - Placa da Praça da Liberdade



Fonte: Lucas Pereira (2023)

5 A CONVIVÊNCIA DE NOVAS NARRATIVAS NO BAIRRO DA LIBERDADE

Nos últimos anos, é notável o crescimento e popularização de estabelecimentos tipicamente coreanos e chineses no bairro da Liberdade, o que demonstra a presença cada vez mais forte desses povos na região e também uma aceitação maior de suas culturas no país. As fachadas dos estabelecimentos chineses já competem com as dos japoneses, embora talvez passem despercebidos pelos brasileiros por conta da similaridade da escrita.

Figura 27 - Estabelecimentos chineses na Praça Carlos Gomes



Fonte: Lucas Pereira (2023)

Em 2023, a comunidade coreana celebrou seus 60 anos da imigração no Brasil e segundo o cônsul-geral da República da Coreia em São Paulo, Sr. Insang Hwang, hoje estima-se que cerca de 50 mil imigrantes sul-coreanos vivem no país. A maior presença coreana também pode ser entendida como resultado da onda *Hallyu*, fenômeno decorrente de investimentos econômicos que o próprio governo da Coreia do Sul tem feito para exportar de forma massiva seus produtos culturais, principalmente relacionados à cultura pop, como filmes, séries, cosméticos e culinária.

Além da crescente ocupação de estabelecimentos orientais não-nipônicos, nota-se uma tentativa de resgatar a cultura negra que tanto foi esquecida e apagada da região. Esse movimento ganhou força quando arqueólogos encontram ossadas da época da escravidão em um terreno localizado entre as ruas Galvão Bueno e dos Aflitos²⁵ e que antigamente abrigava o Cemitério dos Aflitos.

Em meio aos protestos que resultaram no incêndio na estátua do Borba Gato em 2021²⁶, a Prefeitura de São Paulo, como parte de um projeto que visa a homenagem a personalidades negras da cultura paulistana, instalou na praça central

²⁵ REIS, Vivian. Arqueólogos encontram ossadas da época da escravidão em terreno no Centro de São Paulo. G1, 2018. Disponível em: g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/12/06/arqueologos-encontram-ossadas-da-epoca-da-escravidao-em-terreno-no-centro-de-sao-paulo.ghtml. Acesso em: 23 set. 2023

²⁶ CARTA CAPITAL. Estátua do Borba Gato é incendiada em São Paulo. Carta Capital, 2021. Disponível em: www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/estatua-do-borba-gato-e-incendiada-em-sao-paulo/. Acesso em 23 set. 2023

do bairro, uma estátua da sambista Deolinda Madre (madrinha Eunice), fundadora da Lavapés, a primeira escola de samba da cidade.

Recentemente, um evento apoiado pela Subprefeitura Sé e pelo Metrô de São Paulo acabou gerando revolta e protestos ao instalar o seu palco encobrimdo a estátua da madrinha Eunice²⁷. Na ocasião, integrantes do Movimento Negro, membros da União das Escolas de Samba Paulistanas e a população em geral acusaram o evento pela falta de respeito tanto pela preservação da obra quanto pela história de um povo. Com isso, a organização do evento encerrou as programações do palco antes do previsto.

Figura 28 - Estátua da sambista escondida na lateral de palco de evento no Centro



Fonte: g1 SP e TV Globo. 19 set. 2023. Disponível em:

<g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/17/palco-de-evento-da-prefeitura-e-montado-encostado-em-estatua-da-sambista-negra-madrinha-eunice-no-centro-de-sp-e-gera-protestos.ghtml>. Acesso em 01 out. 2023

Além disso e da recente instalação do sufixo África-Japão no nome oficial da Praça da Liberdade, o bairro também ganhará um memorial para resgatar história dos negros, que será instalado ao lado da Capela dos Aflitos, que é considerado o último resquício arquitetônico da cultura negra no bairro. O edital foi aprovado em 2023, porém enfrenta alguns conflitos de gerenciamento e interesse²⁸ que podem atrasar a inauguração do espaço.

²⁷ NETO, Francisco Lima. Festival em SP esconde estátua de Madrinha Eunice e é acusado de racismo. Folha de São Paulo, 2023. Disponível em:

www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/09/festival-em-sp-esconde-estatua-de-madrinha-eunice-e-e-acusado-de-racismo.shtml>. Acesso em 23 set. 2023

²⁸ DIAS, Guilherme Soares. Memorial negro da Liberdade terá nova empresa de arquitetura. Folha de São Paulo, 2023. Disponível em:

www1.folha.uol.com.br/blogs/guia-negro/2023/08/memorial-negro-da-liberdade-tera-nova-empresa-de-arquitetura.shtml>. Acesso em: 23 set. 2023

São movimentos recentes e importantes para a compreensão do passado e presente do bairro da Liberdade, para entender que a história permanece na arquitetura, no relato oral e nas memórias que foram transmitidas através de gerações. Passado e presente coexistem; separados, mas indivisíveis. Juntas essas identidades constroem uma nova cidade, que se sobrepõe à velha e a transforma. (MARZ, 2022, p. 7)

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

O presente trabalho teve como objetivo observar o processo de construção da narrativa de um território, como isso influencia na formação da identidade e memória de um indivíduo e o que isso impacta na construção de uma identidade local, alterando e ditando quais elementos serão inseridos e o que deve ou não ser comunicado, legitimado e ressaltado.

Fica nítido que existe a dominância da narrativa nipônica sob a narrativa de outros povos no objeto de estudo deste trabalho. Essa construção não foi fruto somente da expressiva ocupação dos japoneses no bairro, que modificaram o território com restaurantes, mercearias, associações e outros espaços de convivência e ritualização, mas também por todas as políticas públicas e todos os estabelecimentos ali presentes que seguiram a lógica pautada na orientalidade, tornando a cultura japonesa um produto rentável.

Atualmente se observa o início de uma mudança, a construção de um cenário que suporta novas narrativas e dialoga com um modelo de comunicação crítico e repensado, que segundo RIBEIRO e NASSAR (2018 p. 4052) vai de acordo com os novos tempos que vivemos, fluidos e fragmentados e, principalmente onde as diversidades - de opiniões, de escolhas, de estéticas, de gênero, de idades, de deficiências, de competências, e, principalmente, de sentimentos - devem ser entendidas, valorizadas e respeitadas.

As novas narrativas humanizadas, dotadas de empatias, sentimentos, afetividades e respeito não são uma demanda restrita às organizações. Elas se expandem para os mais diversos cenários e campos, pois é resultado de uma necessidade de uma sociedade que, de acordo com Nassar (informação verbal), se insere em um contexto de obesidade informacional e fome de sentido e significado.

Hoje, as micronarrativas, de caráter individual ganham cada vez mais espaço, pois são elas que estão diretamente ligadas à afetividade, compondo o ambiente ritualístico. Desse modo, elas podem tanto legitimar, dar força e reforçar significados quanto enfraquecer e alterar o que chamamos de metanarrativas, ou seja, as grandes narrativas. Uma comunicação afetiva reconhece o indivíduo a partir de suas particularidades, suas micronarrativas e encontra nessa diversidade, o que pode ser admirado, a grande riqueza e potencialidade que existe dentro de cada integrante (...) (RIBEIRO; NASSAR. 2018 p. 4057).

O bairro da Liberdade não deixará de ser entendido como um lugar de memória, principalmente para aqueles pertencentes à comunidade nipônica pela coexistência de novas narrativas cada vez mais presentes neste espaço. Pelo contrário. Somente expandirá este significado, tanto para os povos que começam a habitar e transformar o local quanto pelos povos que lutam para a recuperação de uma memória e uma história que um dia foi esquecida e apagada.

Talvez seja difícil para alguns aceitar a transformação, principalmente para aqueles mais apegados ao bairro, para os moradores de longa data, ou para pessoas como eu, que encontraram no bairro uma forma de reconexão com o Japão e com a sua cultura. Porém, aceitar que o fluxo de mudanças é algo constante é muito importante em todas as escalas da vida. Mesmo que um espaço físico se modifique, o presente e o passado continuarão a (co)existir no fluxo do tempo.

REFERÊNCIAS

- Acervo Estadão. Era uma vez em São Paulo: Cine Niterói. **Estadão**, 2015.
Disponível em: m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo.era-uma-vez-em-sao-paulo-cine-niteroi.10897.0.htm#galeria-16163. Acesso em: 07. ago. 2023
- A Fundação Japão; Assessoria Cultural do Consulado Geral do Japão. **Guia da cultura japonesa**. São Paulo: Editora JBC, 2004.
- BARONE, Ana C. C.. Liberdade e Punição: **O que se reivindica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade?** In: Cadernos PROARQ, n°36, p.74-92. Rio de Janeiro, 2021
- BBC News Mundo. A brutal modernização do Japão que empurrou milhões de imigrantes para a América Latina. BBC News Mundo. **BBC News Brasil**, 2021.
Disponível em: www.bbc.com/portuguese/internacional-57877049. Acesso em: 03 ago. 2023.
- Câmara Municipal de São Paulo. JUSTIFICATIVA - PL 0023/2020. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, SP, 11 mar. 2020, p. 91. Disponível em: documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/justificativa/JPL0023-2020.pdf. Acesso em: 07. set. 2023
- Carta Capital. Estátua do Borba Gato é incendiada em São Paulo. **Carta Capital**, 2021. Disponível em: www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/estatua-do-borba-gato-e-incendiada-em-sao-paulo/. Acesso em: 23 set. 2023
- COGO, Rodrigo. **Storytelling: as narrativas da memória na estratégia da comunicação**. São Paulo: Aberje, 2016.
- COGO, R. S.; NASSAR, P. A história e a memória na comunicação organizacional: um estudo da narrativa da experiência para atratividade dos públicos. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 10, n. 19, 2011. DOI: 10.5902/217549773048. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/3048>. Acesso em: 4 out. 2023.
- Cultura Japonesa.com. História do Bairro da Liberdade. **Cultura Japonesa.com**. Disponível em: www.culturajaponesa.com.br/index.php/historia/imigracao/historia-do-bairro-da-liberdade/. Acesso em: 03 ago. 2023.
- _____. Toyo Matsuri – Festival Oriental da Liberdade. **Cultura Japonesa.com**. Disponível em: www.culturajaponesa.com.br/index.php/festivais/toyo-matsuri/. Acesso em: 23 set. 2023
- DE LORENA, Giseli. Espaço, paisagem, lugar, região e território: uma revisão introdutória sobre conceitos geográficos. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 35, p. 159-171, 2022.

DIAS, Renata Felício Boitar Paes. **Percepção da paisagem urbana do bairro Liberdade (São Paulo - SP): a perspectiva das diferentes gerações nipo-brasileiras frente às transformações urbanas**. 2016. 100 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2016.

FANTIN, Jader Tadeu. Do interior para os porões, dos porões para as fachadas: os japoneses no bairro da Liberdade em São Paulo. **Acta Geográfica**, v. 9, n. 20, p. 72-95, 2015.

G1 SP e TV Globo. Palco de evento da prefeitura é montado encostado em estátua da sambista negra Madrinha Eunice, no Centro de SP, e gera protestos. **G1 SP e TV Globo**, 2023. Disponível em: g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/17/palco-de-evento-da-prefeitura-e-montado-encostado-em-estatua-da-sambista-negra-madrinha-eunice-no-centro-de-sp-e-gera-protestos.ghtml. Acesso em: 01 out. 2023

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. trad. **Laurent León Schaffter, Vertice, São Paulo**, 1990.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. TA Queiroz Editor, 1987.

História da Imigração. **110 anos da imigração japonesa no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://www.br.emb-japan.go.jp/110anos/index.html>>. Acesso em: 03 ago. 2023.

NAKAGAWA, F. S.; OKANO, M.; NAKAGAWA, R. M. de O. Duas visões da liberdade: a orientalização e a orientalidade. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 31, p. 45-62, 2011. DOI: 10.11606/ej.v0i31.143041. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143041>. Acesso em: 7 set. 2023.

NASSAR, Paulo. **Relações Públicas na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações**. 3. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2012.

_____. Novas Narrativas e memória: olhares epistemológicos. In: KUSCH, Margarida Maria Krohling (org) **Comunicação Organizacional Estratégica: aportes conceituais e aplicados**. São Paulo: Summus, 2016, p. 77-100.

NASSAR, Paulo; COGO, Rodrigo Silveira. **Narrativas em comunicação organizacional e as interações com a memória**. Esferas: Revista Interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação do Centro-Oeste, n. 1, p. 101-110, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.19174/esf.v0i1.2967>. Acesso em 27 set. 2023.

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de. **Um esboço do presente**. PPGCom-USP 50 anos: entre o passado e o futuro, nosso percurso. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023. Disponível em:

<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003151244.pdf>. Acesso em: 07 set. 2023.

_____. Memória, identidade e as empresas brasileiras: a difícil metamorfose. **Narrativas midiáticas e comunicação: construção da memória como processo de identidade organizacional**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 331-355. Disponível em: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1558-5_10. Acesso em 27 set. 2023.

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de; RIBEIRO, Emilian Pomarico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia. Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações**. Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002980493.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.

NASSAR, Paulo; PARENTE, Carlos. **Lobby e comunicação: a integração da narrativa como via de transformação**. São Paulo: Aberje, 2020.

NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emilian Pomarico. Velhas e novas narrativas. **Estética**, v. 8, 2012. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002446300.pdf>. Acesso em 27 set. 2023.

NEGAWA, Sachio. **Formação e transformação do bairro oriental**: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915 - 2000. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-19122022-140848/>. Acesso em: 03 ago. 2023.

NETO, Francisco Lima. Festival em SP esconde estátua de Madrinha Eunice e é acusado de racismo. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/09/festival-em-sp-esconde-estatua-de-madrinha-eunice-e-e-acusado-de-racismo.shtml>. Acesso em 23 set. 2023

NINOMIYA, M. O centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão. **Revista USP**, [S. l.], n. 28, p. 245-250, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i28p245-250. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28385>. Acesso em: 03 ago. 2023

NippoBrasil. Crueldade marca o início do bairro da Liberdade. 1999. **NippoBrasil**. Disponível em: www.nippo.com.br/especial/n027. Acesso em: 03 ago. 2023.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ODA, Ernani. Interpretações da "cultura japonesa" e seus reflexos no Brasil. **Revista Brasileira de ciências sociais**, v. 26, p. 103-117, 2011.

Revista PEGN. "Café asiático" faz sucesso em SP com café tecnológico e bolo de melão. **Revista PEGN**, 2018. Disponível em: revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Alimentacao/noticia/2018/04/cafe-asiatico-faz-sucesso-em-sp-com-cafe-tecnologico-e-bolo-de-melao.html. Acesso em: 06 ago. 2023

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PRADO, Matheus. Empresário é dono de cinco negócios na Liberdade em raio de 300 metros. **Veja São Paulo**, 2020. Disponível em: vejasp.abril.com.br/cidades/empresario-bairro-liberdade. Acesso em: 10 ago. 2023

PRELORENTZOU, Renato. Qual foi a primeira história do mundo?. **Estadão**, São Paulo, 13 jan. 2017. Disponível em: www.estadao.com.br/cultura/renato-prelorentzou/qual-foi-a-primeira-historia-do-mundo/. Acesso em: 02 ago. 2023

RIBEIRO, Emiliana Pomarico e NASSAR, Paulo. **Novas narrativas da comunicação organizacional: afetividade e respeito à diversidade através de micronarrativas**. 2018, Anais. São Paulo: ECA-USP, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002888602.pdf>. Acesso em: 01 out. 2023.

RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Novas narrativas da comunicação em organizações**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16052019-115915/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

REIS, Vivian. Arqueólogos encontram ossadas da época da escravidão em terreno no Centro de São Paulo. **G1 SP**. 2018. Disponível em: g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/12/06/arqueologos-encontram-ossadas-da-epoca-da-escravidao-em-terreno-no-centro-de-sao-paulo.ghtml. Acesso em: 23 set. 2023

RODRIGUES, Daiana. Comunidade coreana celebra 60 anos da imigração no Brasil com cerimônia na Alesp. **ALESP**, 2023. Disponível em: www.al.sp.gov.br/noticia/?13/02/2023/comunidade-coreana-celebra-60-anos-da-imigracao-no-brasil-com-cerimonia-na-alesp. Acesso em: 01 out. 2023

SAKURAI, Celia. **Imigração tutelada: os japoneses no Brasil**. 2000. 191 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1613932>. Acesso em: 20 jul. 2023.

_____. **Imigração japonesa para o Brasil**. Um exemplo de imigração tutelada-1908-1941. In: XXII Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu-MG, 1998. GT 9 Migrações Internacionais.

SALLES, Daniel. Liberdade: projeto de revitalização do bairro não saiu do papel. 2016. **Veja São Paulo**. Disponível em: vejasp.abril.com.br/cidades/bairro-liberdade-revitalizacao. Acesso em: 06 ago. 2023

SANTOS, Amália; KOK, Glória. O Cemitério dos Aflitos e outros territórios negros da cidade de São Paulo. **ArchDaily Brasil**, 2020. Disponível em: www.archdaily.com.br/br/948368/o-cemiterio-dos-aflitos-e-outros-territorios-negros-da-cidade-de-sao-paulo. Acesso em: 03 ago. 2023

SÉRGIO, V. O. G. T.; LOURENÇO, Mariane Lemos. A IDENTIDADE SOCIAL E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO. **Anais do EVINCI-UniBrasil**, v. 1, n. 2, p. 3-3, 2015.

SILVEIRA, C. E. R.; MORAES, N. A. Fragmentos urbanos: o patrimônio e a construção das paisagens simbólicas nas cidades contemporâneas. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/175912>. Acesso em: 04 ago. 2023.

Stropasolas, Pedro. Capela dos Aflitos: a luta para salvar um símbolo da história negra do centro de São Paulo. **Brasil de Fato**, 2022. Disponível em: www.brasildefato.com.br/2022/11/20/capela-dos-aflitos-a-luta-para-salvar-um-simbolo-da-historia-negra-do-centro-de-sao-paulo. Acesso em: 24 ago. 2023.

WEBER, Regina; PEREIRA, Elenita. Halbwachs e a memória: contribuições à história cultural. **Revista Territórios e Fronteiras** V.3 N.1 – Jan/Jun 2010. p. 104-126